

HISTÓRIA E CULTURA: O PENSAMENTO RACIAL BRASILEIRO NA OBRA DE LILIA SCHWARCZ

Micheli Longo Dorigan (PIBIC/CNPq/FA/UEM),
Hilton Costa (Orientador), e-mail: hcosta@uem.br
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Área: Sociologia Subárea: Outras Sociologias Específicas

Palavras-chave: Pensamento Social, Relações Raciais, Lilia Schwarcz

Resumo

Uma das grandes referências, ao se adentrar no campo de estudo das relações raciais, é Lilia K. M. Schwarcz, pesquisadora que vem dedicando boa parte de sua produção a essa temática. Da sua trajetória acadêmica surgiram títulos de destaque como o livro *Retrato em Branco e Negro* (1987) e *O espetáculo das raças* (1993). Estes trabalhos fazem parte de um conjunto maior de obras realizadas nos anos 1980 responsáveis por mudar a perspectiva dos estudos sobre a população negra do Brasil, sobretudo, por inserir na análise a capacidade de agência dessas pessoas. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é buscar compreender como a antropóloga problematiza as relações raciais e o pensamento racial, tomando como fontes principais os livros *Retrato em Branco e Negro* (1987) e *O espetáculo das raças* (1993). Teórica e metodologicamente a pesquisa fundamenta-se nas considerações de John Pocock: vocabulário normativo, contexto social; e nas reflexões de Pierre Bourdieu acerca do campo intelectual. As conclusões de momento indicam que a produção de Schwarcz, erigiu uma interpretação das relações raciais no Brasil que evidencia o papel ativo e protagonista de um povo considerado inapto, assim como, a originalidade existente entre os intelectuais brasileiros, marcados pela ausência de autenticidade. Foi possível ainda fazer um levantamento das fontes mobilizadas e dos referenciais teóricos adotados.

Introdução

A presente pesquisa faz parte do projeto: *Pérolas sob o sol: um estudo sobre a obra de Lilia Katri Moritz Schwarcz*. Projeto este vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá e desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A motivação em se estudar o pensamento racial brasileiro na obra de Lilia Schwarcz reside, em grande medida, na relevância da autora nos estudos sobre as relações raciais e o pensamento racial no Brasil e a ausência de trabalhos voltados à análise da construção de sua obra. Assim, a intenção aqui esposada é a de compreender como a antropóloga problematiza as relações raciais e o pensamento racial em seu estudo, utilizando como fontes principais as obras *Retrato em Branco e Negro* (1987) e *O espetáculo das raças* (1993), bem como artigos publicados entre 1989 e 1996. A referida produção faz parte de um conjunto maior de obras realizadas nos

anos 1980 responsáveis por mudar perspectiva dos estudos sobre a população negra do Brasil, sobretudo, por inserir na análise a capacidade de agência dessas pessoas. A produção de Schwarcz, aqui destacada, evidencia não só o papel ativo de um povo considerado incapaz, mas também, a originalidade do pensamento brasileiro. As fontes selecionadas para este trabalho foram abordadas seguindo teórica e metodologicamente as considerações de John Pocock (2003), no que diz respeito ao vocabulário normativo e ao contexto social aos quais as obras em questão estavam submetidas, e as reflexões de Pierre Bourdieu (1996, 2008) acerca do campo intelectual, no intuito de buscar compreender melhor as escolhas da autora.

Revisão de Literatura

A obra de Lília Schwarcz, notadamente voltada ao pensamento racial e as relações raciais no Brasil é bastante citada e comentada em inúmeros trabalhos desde a década de 1990 até hoje. Contudo, até onde se pode verificar que os textos postos a dialogar com a obra de Schwarcz dedicam-se mais a debater as conclusões da autora do que a construção do seu argumento. Nesta direção, buscou-se uma literatura que pudesse fornecer elementos para tal movimento, assim, como já mencionado, recorreu-se John Pocock (2003) e Pierre Bourdieu (2008). Pocock estabelece na obra *Linguagens do Ideário Político* que os textos são produzidos dentro de determinados contextos – intelectuais e sociais. O contexto intelectual é aquele que, por exemplo, define um vocabulário normativo – palavras, conceitos, ideias, abordagens comuns a uma determinada época, lugar e tempo que se impõe as pessoas inseridas no fazer intelectual. O contexto social pode ser associado apontado como as disputas políticas e sociais colocadas no momento da produção intelectual e que podem vir a interferir mais ou menos nela. (POCOCK, 2003). Bourdieu em *A economia das trocas lingüísticas* (2008) aborda a questão do efeito de teoria, indicando que ao mesmo tempo em que as Ciências Sociais investigam e analisam a realidade elas também constroem a realidade. Premissa esta que auxilia duplamente no estudo da obra de Schwarcz, na compreensão do conteúdo das obras e de como o esse conteúdo foi produzido.

Resultados e Discussão

Os anos 1980, intitulado por inúmeros como a “década perdida”, se caracterizou como um período de transição, com o estimado “término” do regime autoritário instaurado em 1964, e a retomada, aos poucos, da democracia. No que tange ao aspecto intelectual, em virtude do processo de abertura política, novas ideias começam a circular, concomitantemente as novas possibilidades teóricas e metodológicas, permitindo aos futuros autores um olhar diferente sobre os problemas existentes na sociedade brasileira. O tema da escravidão africana, na historiografia, foi um dos que foram atingidos diretamente por essa conjuntura, com a realização de novas pesquisas, debates, abrindo novos campos dentro do assunto. Sobretudo, o trabalho interdisciplinar, direcionou novas abordagens, fazendo com que a história da escravidão, em seu sentido próprio e direto, ampliasse-se na história social do negro no Brasil. Nesse contexto, despontam

novos atores no cenário político e social que começavam a desenvolver ações não assumidas pelo Estado, com vários movimentos e organizações procurando conscientizar os indivíduos da sua condição enquanto sujeitos de direitos, e de deveres. O movimento negro, em específico, ganha novo impulso, ganhando corpo também, no pensamento dos historiadores e cientistas sociais, onde Lilia Schwarcz se incluía.

Nessa época, iniciou-se uma discussão na historiografia sobre o uso de jornais como fonte e objeto de pesquisa. Tal interesse se deu com a revolução no interior da disciplina de História, na década de 1970, de onde emergiram novas tendências historiográficas, a fim de incorporar novos problemas, objetos e abordagens, redimensionando a História para o campo social e cultural. Nesse contexto, os jornais eram entendidos como importantes agentes de formação e construção dos processos sociais, políticos e econômicos, constituindo-se como forças ativas, políticas, veículos formadores de opiniões, que podiam orientar o rumo das decisões na sociedade. Essa postura pode ser localizada na reflexão que Lilia Schwarcz apresenta ao público em *Retrato em Branco e Negro* (1987); nesta obra, a autora utiliza os jornais como fontes principais a fim de compreender o imaginário social sobre o negro, como era representada a sua condição na cidade de São Paulo no final do século XIX.

No que tange as referências mobilizadas pela autora, no início de sua carreira acadêmica, percebe-se a predominância de referências advindas da História. Com a entrada da autora na Antropologia Social, no período entre 1987-1994, evidentemente, a bibliografia desta área passa a figurar com mais destaque. No artigo *Entre Amigas: Relações De Boa Vizinhança* a autora, que sempre perambulou entre as duas disciplinas durante sua carreira acadêmica, defende a aliança entre as duas disciplinas e discorre sobre as “boas relações” entre as mesmas. (SCHWARCZ, 1994). Segundo Schwarcz, deve-se focar principalmente nas questões teóricas responsáveis por unir e manter as duas áreas, a fim de compreender a relação entre elas, utilizando como método a comparação entre as disciplinas e o uso particular e comum de seus conceitos, num debate que dialoga com o modelo estrutural - no que ele tem de significativo, sincrônico e permanente -, sem que se abra mão do contexto, da cultura e da história. Isso levaria a uma transformação na dimensão estrutural e na noção de cultura, no sentido de reconhecer a existência de valores de permanência, que sobrevivem à infraestrutura e dialogam ressignificados em outros contextos.

Nesse sentido, de acordo com a autora, a “fábula das três raças”, narrativa que reconta nossa história a partir do papel fundante dos negros, índios e brancos, parece relevante para se pensar em como a chamada cultura nacional sempre se constituiu por meio de um processo de tradução, seleção, cópia, alteração e atualização. Nela, a estrutura da mestiçagem se manteve, embora se transformando de acordo com contextos específicos, passando do romantismo, às teorias biológicas, e finalmente, à símbolo cultural da nação. Nesse jogo, a identidade surge por meio da constatação de que é a mistura racial que nos particulariza, sendo o mestiço a personificação da diferença. Trata-se, assim, de uma identidade construída a partir da própria diversidade, que é constantemente acionada e ressignificada.

Conclusões

As conclusões até o momento, decorrentes um levantamento das fontes mobilizadas e dos referenciais teóricos adotados pela autora, indicam uma fundamentação histórica e antropológica, utilizada e defendida pela mesma, no sentido de entendimento tanto das estruturas, quanto das continuidades. Assim, perpassando o domínio da história das mentalidades, Schwarcz utiliza este esquema metodológico para interpretar e compreender as relações raciais e o pensamento racial no Brasil. A autora utiliza como fonte os jornais, a fim de perceber como a imagem do negro era construída e apresentada as pessoas, evidenciando como os periódicos eram capazes de criar uma realidade. Além disso, discute imagem do negro, e o pensamento das elites intelectuais no final do século XIX, como também a criação das instituições nacionais, onde cientistas pesquisavam e discutiam o país, e logo, a questão das raças. Com isso, num momento de formação do Brasil, conviviam de um lado, as teorias científicas deterministas e evolutivas, e de outro o pessimismo oriundo do destino de uma nação mestiça. É nessa perspectiva que a autora defende a unicidade dos intelectuais da época, ao adaptar as teorias europeias a realidade brasileira, transformando o pensamento racial, e o futuro do país no espetáculo da miscigenação. Assim, Schwarcz propõe uma reflexão no intuito de entender certa originalidade, e a própria dinâmica da cultura local, na medida em que ambas - cultura e história - se apresentam material e simbolicamente inseparáveis.

Agradecimentos

Um agradecimento especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa PIBIC/CNPq-FA-UEM, e por tornar possível a realização dessa pesquisa.

Referências

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar o que dizer. 2.^a Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003

SCHWARCZ, L. K. M. **Retrato em branco e negro**: Jornais, escravos e cidadania em São Paulo no final do século XIX. São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Entre Boas Amigas: História e Antropologia. **Revista USP**, São Paulo, v. 21, p. 23-37, 1994.